

Jornal das Senhoras – Tomo I – domingo, 6 de junho de 1852 - Edição 23

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=211>

TOMO I – DOMINGO 6 DE JUNHO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS.

Muito em breve, minha filha, ides deixar o véo de virgem, o tecto paterno e as descuidosas occupaões da vossa mocidade, pelas occupaões muito mais sérias e muito mais importantes de esposa e de mãe de familia: » forão estas as palavras de um parcho a uma noiva, com as quaes principiou elle um suave e edificante discurso sobre o casamento que naquelle momento ia abençoar em nome do Céu entre um lindissimo par do meu intimo conhecimento. E com as mesmas palavras, se me dais licença, principio eu o meu artigo de modas que vai ser hoje dedicado ás solteirinhas, cujo desembargo do paço, desejos, ambições, sonhos e pretenções, estão fixados e constantemente empregados nas douradas illusões do casamento.

Já sabeis pontanto que se trata de uma noiva e um rigoroso *toilette* de noivado, tão sublime e delicado, como é esse laço divino e humano, em

Que para sempre se prendem dois corações que se estimão, que se adorão e que se casão.

Para bem avaliardes a verdadeira solemnidade e o grave respeito do acto de um casamento seria necessario vel-o com os vossos olhos celebrado em qualquer parte da culta Europa, catholica apostolica ou protestante. Ahi não se faz um miseravel contrabando, nem um triste segredo, dessa solemnidade tão sublime e edificante, tão indispensavel mesma, digamol-o, á religião e á civilisação dos povos. Em Paris, por exemplo, a solemnidade é feita entre onze horas e meio dia, porque é sempre acompanhada do santo sacrificio da missa, em meio de cuja celebração recebem-se então os noivos, benzem-se os anneis nupciaes, e o sacerdote depois

dirige-lhes um discurso analogo e bem deduzido, e continúa a missa até o fim, a que os noivos são obrigados a assistir. Salvo os casos urgentes, os que querem casar mais particularmente, que são poucos, assim mesmo nunca o podem fazer senão da meia noite em diante, porque teem de sujeitar-se ás mesmas formalidades, e hão de assistir indispensavelmente á missa do noivado.

Presenciarieis então, querida leitora, um acto

– 23 –

—177—

respeitoso, uma verdadeira cerimonia religiosamente bem preenchida perante o altar de Deus. E isto vale tanto !...

Mas eu estou escrevendo um artigo de modas, que não deve ser nenhum sermão que vos enfastie, não é assim? Será bem feito que me deis um beliscãozinho na pelle – que não seja muito torcido que tenho de sahir amanhã de manga curta.

Pois bem, dir-vos-hei então que, por ser o casamento em França uma solemnidade feita de manhã, a moda entendeu que a noiva de bom tom deve estrear dois vestidos no dia do seu desposorio – um com que vai á igreja, e outro com que assiste ao jantar, sendo o primeiro afogado e de mangas semi-compridas; e o segundo decotado com mangas curtas; ao passo que o véo e a grinalda acompanhão-na em ambos os *toilettes* até o fim desse dia tão venturoso.

Apezar dos casamentos cá na nossa terra fazerem-se de tarde, (hora tão impropria!) nem por isso deixão-se de fazer riquissimos enxovaes em tudo conformes aos usos parisienses.

Ha dias fui eu apreciar á casa de Mme. Barat um enxoval de valiosa importancia e de uma distincção do mais apurado gosto elegante da moda, tinha sido feito e acabado com todo capricho para uma linda menina, que não direi quem é, mas que daqui a bem poucos dias será a soberana deidade dos destinos de um feliz mortal, seu futuro esposo.

Este enxoval immenso, chefe d'obra da arte e de bom gosto, cujas peças de finissima roupa branca não vos posso enumerar, estava dentro de quatro aromaticas caixas de sandalo, e mais tres que guardavão os vestidos de seda ou os primeiros *toilettes* do noivado. Na primeira estavam tres vestidos, o primeiro era o delicioso vestido de casamento, conforme representa o figurino de hoje, e de que vos darei explicação mais adiante. O segundo era o vestido para o jantar, de riquissima seda branca lavrada, ramos soltos, ornado com tres ordens de renda de ponto de Inglaterra; o corpo liso, decotado, e de bico guarnecido de um *berthe chateleine*, de

renda do mesmo valor, fechado no peito por igual ramo de flores do primeiro vestido. A mesma grinalda e véo do casamento hão de acompanhar este *toilette*. O terceiro era o vestido para o segundo dia. Que lindo e feiticeiro *négligé*! Compunha-se de um forro de nobreza azul claro com um roupão de transparente cassa lisa, guarne-

cido de entremeios e renda *valenciennes*, e simplesmente uma larga fita azul clara de pontas cahidas, para prender a cintura – para enfeite da cabeça uma linda e diafana touca de *valenciennes* e estreitas fitinlias da mesma côr do cinto.

Na segunda caixa estavam outros tres – um para fazer visitas de intimidade, de seda furta côr *rose et gris perle*, afogado, aberto adiante, e de *basquine* fechando o corpo, com laços e um rico aparelho de brilhantes botões de fantasia; mangas largas abertas deixando apparecer umas sub-mangás de apurada cassa bordada, camisinha da mesma fazenda, e um lindissimo chapéo de filó de seda côr de rosa enfeitado com uma só pluma da mesma côr completava este encantador *toilette*. O outro vestido, era para as visitas de parabens, de riquissima seda lavrada azul clara, com grandes ramos soltos de côres matisadas, que pelo seu valor não admittiu enfeites na saia; corpo decotado a Luiz XV guarnecido de deliciosos blondes de seda branca bordada de côres, mangas curtas, e para enfeite da cabeça as mais lindas flores de Constantino com as mesmas blondes entrelaçadas. O terceiro finalmente era um fascinador e delicadissimo vestido para baile, de filó côr de rosa com tres saias progressivas tendo a ultima por guarnição uma franja toda de prata, o corpo decotado com um cabeção redondo guarnecido da mesma franja; e para a cabeça um enfeite de fita *Algerienne* côr de rosa prateada. Deslumbrante e nobre *toilette*.

A ultima caixa guardava os diversos e magnificos vestidos de passeio das mais modernas e bonitas sedas listadas em xadrez, barege e popeline, enfeitados com toda a delicadeza e arte de que sabe dispôr Mme. Barat em todas as suas felizes creações deste genero.

Não vos posso descrever a belleza de todos estes vestidos, enfeites e adereços, se não dizendo-vos que – cada um era uma preciosidade, uma joia de valor!

Venturosa a noiva que, a par de tão elevado luxo e grandeza, alcança entre os laços de hymeneu a realidade de seus dourados sonhos e a felicidade de um porvir risonho. Está no Céu em vida.

Descreverei aqui o *toilette* de noiva que apresenta a nossa gravura, feita ha dous mezes em Paris pelo gosto mais moderno das suas mais afamadas modistas.

O vestido é da mais rica seda branca, toda bordada a seda frouxa, com larga e espaçosa barra de magnifica bordadura – em disposição.

—178—

Corpo afogado, aberto adiante, primorosa e ricamente guarnecido de duas ordens de renda de ponto de Inglaterra, que lhe acompanhão e abertura até á cintura. Mangas pagode, semi-compridas, circuladas de quatro ordens da mesma renda encrespada. Por dentro, velando a abertura do corpo, uma valiosa camisinha afogada de entremeios e renda de ponto de Inglaterra. Ramo de rosas brancas e flores de laranja ao lado esquerdo do cinto. Grinalda do mesmo gosto e véo mui cumprido de filó de linho liso, rodeado de renda estreita, ponto de Inglaterra, da largura de quatro dedos. Luvas curtas de pellica branca, sem enfeites nem pulseiras. Livro de missa na mão, de capa de chmalote branco, fêcho e cantos de prata. Sapatos de setim branco.

O penteado é simples, de bandeletas, para conter elegantemente a grinalda, a qual deve apanhar uma pequena parte da testa, e gradualmente ir descahindo aos lados da cabeça até á nuca, onde casão as duas pontas por sobre o véo.

Eis minhas queridas solteirinhas um vestuario de noiva no galarim, no rigor e riqueza da moda. Eis ahi o vestido e o véo do talisman da vossa existencia – o casamento. E’ um magico de duas faces diversas, com o sorriso angelico das felicidades do Céu em uma dellas.

Aceitai-o; e que em breve vos veja a todas casadinhas e venturosas.

Infante, 4 de junho.

A vossa amida,

Christina.

O DUELLO DAS DAMAS.

Conclusão.

II.

Longe dos olhos, longe do coração, fiz o adagio. Tanto mais conhecêra este axioma a bella Francisca Fernandez, quanto os zelos havião tomado assento em seu coração desde o momento em que de seu esposo se apartára. Sabendo que D. Felix tão fraco era de affectos quanto facil de apaixonar-se,prehendêra com bastante custo uma jornada indispensavel para negocios de familia: e ao mesmo tempo que fazia todo o possivel para abreviar sua ausencia,

fingia prolongar-a para dar a seu marido ou o prazer, ou a lição de uma surpresa. No mesmo dia em que empreendeu voltar a Veja, escreveu a D. Felix que

Só ao cabo de um mez poderia ter o gosto da sua vista. Porém ao chegar ao castello foi ella a sorprendida em vez daquelle que pretendia tomar de sobresalto. D. Felix no dia antecedente partira sem dizer para onde, nem quando tornaria, e sem abraçar seus filhos que entrefára ás mãos mercenarias; não contára com a hospeda, e facil é imaginar-se que suspeitas entarião no animo de D. Francisca; perguntando a quantos encontrava com a sagacidade propria do ciume exaltado, não tardou que soubesse a aventura da capella, e este fio conduziu á morada da feiticeira. Interrogada esta, innocentemente relatou a historia de seus accidentes bemfeitores; e que por vezes a visitarão, distribuindo-lhe dadivas até que a marquezia annunciára sua partida para a côrte. – « E com effeito partiu?... perguntou a esposa de D. Felix sobresaltada. » – « antehontem; respondeu a mulher; e sem perceber o effeito de sua declaração, ajuntou – O Sr. de la Veja veio de tarde fazer-me a mesma pergunta; crei oque tambem partiria porque não tornei a vê-lo. – Não inquiriu D. Francisca mais noticias; comprehendeu o enigma; fez esmola á feiticeira; e sem resfolgar caminhando direita ao castello, bradou á entrada a seus criados: – Já, cavallos apparelhados, cavallos promptos; a carruagem a caminho, quero sahir já; que se um pai no accesso de paixão desordenada pôde esquecer-se de seus filhos, a mãe tambem só pôde esquecel-os no desesperado auge do ciume.

III.

A' entrada de uma rua estreita de Madrid, contigua á porta de Guadalajara, uma lanterna pendurada defronte do nicho de S. Fernando despedia vacillante luz e soturna, ao clarão debil e intercadente via-se um cavalheiro, de estatura baixa, com sombreiro carregado sobre os olhos, mascarado, e de espada á cinta, passeava lentamente, parando a intervallos para advirtir se era observado. Tão socegada e silenciosa estava aquella rua, como agitadas as demais da tumultuosa capital; o embuçado já começava a inquietar-se porque só treva descubria, e tudo era mudo; eis que outro cavalheiro mascarado tambem, de figura e aspecto em tudo semelhantes, aproxima-se deliberadamente, e mettendo mão aos copos da espada, diz com voz tenue, mas resoluta:

– Que fazeis aqui, senhor?

– Faço o que não tenho tenção de explicar'

replicou o passeante com mais soberba que firmeza.

– Se não tendes tenção de o declarar, necessito eu saber-o. E o tom da voz já ameaçador.

O primeiro fez um movimento de espanto, acompanhado de gestos de indignação, e indiciava reunir todo o seu valor para pedir ao inesperado interlocutor que se retirasse.

– Era o mesmo que ia impedir-vos, cavalheiro, replicou o segundo; necessito de aqui estar só, onde espero outra pessoa.

– Tambem eu espero; e se o não levais a mal, aguardaremos ambos.

– Digo-vos que não póde ser.... Segui vosso caminho por vontade, que se não o fareis por força.

Esta ameaça, proferida insultuosamente, fez sem duvida subir ao rosto do primeiro passeante todo o calor do sangue hispano que lhe corria nas veias; porquanto sem consultar se as proprias forças lhe permittirião arrostar com o provocador, metteu tremulo de raiva mão á espada; o outro o imitou logo, como desejoso de levar as cousas ao peor extremo; e ambos se achárão em guarda, frente á frente, cubiçosos de vingança, como dois rivaes que sem conhecer-se presumem que o são, e receão, não obstante, desfe-char o primeiro golpe, quaes meninos que se espantão do sangue derramado. Assim os dous reciprocamente se esforçavão por encubrir a turvação de espirito sob as apparencias da colera. Novo e pungente insulto da parte do provocador pôz termo á indicisão; alçárão-se os braços, e os ferros se cruzárão. Apenas durou um minuto o duello; ao cabo delle o primeiro cavalheiro mediu o chão, soltando um grito que fez estremecer o outro; acudiu o vencedor a certificar-se de que o seu adversario tão sómente n'uma das mãos fôra ferido, e inclinando-se lhe disse ao ouvido:

« Marqueza de la Puebla de los Montes, havemos desempenhado o nosso papel tão bem ou melhor que homens. Lembrai-vos que vos feriu na mão aquella a quem feristes no coração. »

Neste relance appareceu nova personagem na rua de S. Fernando: Francisca, que reconheceu D. Felix, correu a elle, travou-lhe do braço, e mostrou-lhe a marqueza desmaiada, que por ordem sua era levada por dois criados.

« Uma hora mais tarde, a mataria, disse a ciosa hespanhola. Vós, senhor, ainda podeis ser digno de mim: vinde pedir-me perdão, e ver nossos filhos. »

Abatido pelo sobresalto e confusão, D. Felix

se deixou guiar por sua consorte, como o menino por sua mãe.

Narrrou-lhe ella o como soubera da sua partida da Vega em seguimento da marquezia; como os descobrira e espiara em Madrid nas funcções do carnaval, e os colhera na primeira entrevista, designada para a rua de S. Fernando; e a final como havia consummado sua vingança, prevenindo a deshonra. D. Felix mais leviano do que culpavel, mereceu immediatamente o seu perdão.

Passados nove mezes depois desta reconciliação inteiramente hespanhola nasceu D. Lopo de Vega Carpio, o primeiro poeta dramatico do seu seculo.

Este homem insigne comprazia-se em repetir as vezes *que por pouco estivera o não ser filho de sua mãe*; e accrescentava que o filho da *feiticeira de Carriedo* era o celebre Felix Paulo Valdez: o melhor interprete de suas obras, e o pri-meiro tragico de Hespanha.

Quanto á marquezia de la Puebla de los Montes, aproveitando a seu modo a terrivel lição de Francisca, recolheu-se a um mosteiro de freiras em Madrid, onde chegou á dignidade d'abbadeça; e ainda ha poucos annos nelle mostravão o seu retrato, facil de reconhecer pela funda cicatriz na mão direita.

Panorama.

POESIA.

A MENINA VAIDOSA.

Uma noite, oh! bem lembrada....

Fruía bellos instantes

A par de seres amantes,

A quem muito eu adorava;

Pai e mãe que idolatrava.

Minha mãe me mandou ler

Um livrinho de orações,

Que sempre em nossos serões

Uma de nós o fazia:

Nessa noite era eu quem lia.

Minha irmã adormeceu,

Coitadinha, ali p'ra o lado,

E eu vendo-a nesse estado

Mostrei-a assás com vangloria....

Tenho disso bem memoria.

—180—

« Olhai como ella adormece!

« No entanto eu estou lendo....

« Quanto sou estudiosa,

« E quanto ella é preguiçosa!

Mamã voltou-se, abraçou-me;

Senti na face um calor....

Uma lagrima de dôr

Sobre mim tinha cahido:

Eu tinha emmudecido.

« Melhor fôra, minha filha,

« Que tivesses te rendido

« Ao canção e adormecido;

« Não terias sim resado

« Mas dormias sem peccado. »

Submissa logo aceitei

A terna reprehensão,

Chorando pedi perdão

De ser tão má, tão vaidosa;

E me tornei caridosa.

Hoje penso e com razão,

Que uma menina vaidora

Jamais póde ser ditosa,

Quer solteira, quer casada:

Quasi sempre é pouco amada.

Torna-se ella aborrecida,

Sem amigas, depresada,

Nos circ'los sempre notada,

E' das outras – irrisão!

E' propriamente um – pavão!

Mas meu Deos! quem me pediu

Nes artiguinho um sermão?

Eu não queria isso não!

P'ra prova do meu intento

Eu não quero pagamento.

Nem ninguém me encommendou

Q'eu escrevesse um artigo

Em versos, que tem perigo

De se tornarem massada:

E pois, sou vossa criada.

Paula de L.

CHRONICA DA SEMANA.

Meu dito, meu feito. O Santos, com a satisfação que vos dei pelo silencio que – guardei no domingo 23 do proximo passado mez, apresentou-se uma destas tardes alegre e garrido, fez-me muitas zumbaias, e disse-me que eu lhe tinha enchido as medidas confessando-vos o meu peccado.

Eu estava pachorrenta, e aturei suas momices, do que me não arrependo, porque o bom do ve-lho desenrolou um novello tão comprido de noticias que, por vezes, obriguei-o a calar-se para apanhar as que me convinhão. Dizem que nós mulheres – fallamos pelos cotovellos – e prouvera a Deus que fosse esse o unico defeito que nos notassem os homens que, não podendo passar sem nós, nos assacão um sem numero delles, e alguns bem máos-; mas conheço tantos macha-cazes, cujas guelas se – não seccão nunca, que citar-vol-os seria um trabalho insano. O Santos pertence a essa escola. Mas deixemos frioleiras, e vamos ao que serve.

– Na minha ultima Chronica fallei em ultimo logar – dos theatros; n'esta –, porém, seguirei outra senda. – Na segunda feira (31 do mez que acabou) recebi por mão de um criado – agaloado – uma carta escripta em papel setim – e com brazões de armas. – Supposto ella não esteja assignada, todavia, quem a traçou é cá do nosso sexo como vereis pelo seu contexto. Eis o parafo d'essa carta que escolhi para publicar.

« Pasma que V. Sra. D. Bellona, tendo tantos *novelleiros* e chichisbéos, e sendo tão atilada, não esteja ao facto do que vou relatar-lhe; garantindo a veracidade da causa. Eu sou mulher, e por isso não se admirará de que, tendo prometido guardar segredo á respeito do que passo a relatar-lhe, eu o communique a V; mas, minha cara senhora, ha gente que ignora ainda que – segredo em boca de mulher é o mesmo que escrever em papel pardo. » O caso é o seguinte:

« O nosso eximio actor Brasileiro – escuso nomeal-o porque V bem sabe a quem me refiro – recebeu do litterato brasileiro o Sr. Dr. Pinheiro Guimarães a traducção da tragedia de Lord Biron – SARDANAPALO – a qual, tendo sido remetida ao Conservatorio Dramatico, foi sujeita á commissão de censura que, sobre ella, lavrou o seguinte parecer. » Esta traducção, de ha muito conhecida pelos litteratos do Rio de Janeiro, manifesta o talento e bom gosto do seu author, e a rara facilidade com que se tirou das difficuldades do original, adaptando-a ao theatro Brasileiro. » –

– No theatro provisorio tem tido lograr os ensaios da orchestra da *Favorita*, e corre que a

—181—

senhora Stoltz tem causado *furor* aos mestres da companhia lyrica, e que os professores da orchestra a teem applaudido freneticamente. A' vista do exposto posso affirmar-vos que a questão está a decidir-se – e que breve vós e eu teremos o grande prazer de ouvir essa eximia artista, segundo dizem. Não ha dia em que eu não reze um Padre Nosso ao Santinho da minha devoção para que em breve se realise este meu ardente desejo. O povo desta capital é tão apreciador do merito que – se, a Sra. Stoltz merecer seus applausos, elle lh'os dará, e que posto a não possa chamar á scena, como lá na *menos* culta Europa se fez a Grizi e Mario – mais de 20 vezes – todavia, muitas corôas de flores lhe serão lançadas, e presentes de alto valor lhe serão offertados. Eu por mim lhe garanto que duas mal alinhavadas linhas escreverei em seu elogio; o que não é pouco porque lá diz o rifão – quem dá o que tem não é a mais obrigado. Deus abrevie o termo da estréa da Sra. Stoltz, para que cessem os malditos *retalhos* e espeques, tanto mais quando a Sra. Zechini, por incommodos de saude, – se ausenta por alguns mezes do theatro; e permitta tambem o mesmo Deus que melhor esco-lha presida d'ora avante nas – danças – para que não – nos matem a paciencia com outras iguaes á tal – *João o Cruel*, – que foi mesmo uma *crueidade*!

A póz uma tão aturada ausencia, fui visitada tambem pelo meu doutor, que, mais folgado das suas lidas medicas, me entreteve algumas horas. Gosto muito de ouvil-o: sua conversação

é instructiva é espirituosa – Desta feita porêem achei-o carrancudo e cabisbaixo, e perguntando-lhe a razão – disse-me – que os medicos de merito e acreditados brevemente i ão plantar aboboras por que os charlatães ião se apoderando de quasi todos os doentes.

Apezar do seu *máo humor* (é palavrinha da moda) contou-me o seguinte caso, que refiro, para dar-vos uma pequena amostra do seu bom gosto. – Eil-o *tim-tim* por *tim-tim*: « Passando um celebre medico hollandez por uma praça em Londres viu um homem n'uma rica carruagem puxada a quatro, cujos criados, magnificamente ajaezados, distribuião ao povo varias receitas *milagrosas*. Entreconhecendo – o medico foi ter com o tal sujeito horas depois, e lhe disse. – Creio que já vos vi, mas não me lembro aonde – Em casa de uma senhora á quem outrora eu servia, respondeu o homem. –E como é que exerceis hoje a medicina, vós, que, ha tão pouco tempo, ereis criado de servir? respondeu o medico. – Antes de satisfazer á vossa pergunta, disse o nosso homem, permitti que vos dirija a seguinte. – Quantas pessoas julgaes que passam no correr do dia pela rua em que moraes ? – Não posso calcular ao certo, disse o medico, mas avalio o numero em 700. « E dessas 700, quantas julgaes que tem senso commum? perguntou o charlatão. « 200 pouco mais ou menos, respondeu o medico. – Pois bem, essas 200 pessoas são as que vos procurão, e as outras são as que comprão as minhas receitas. »

O azedume do meu assistente não deu lugar á que eu me alargasse com elle sobre outras materias; e para não desgostal-o, e tambem por que ando farta de aturar – caras feias – deixei-o ir-se embora sem lhe pedir que se demorasse

– Passou-se a festa do Espirito Santo com todos os seus accessorios. Na freguezia de Santa Anna houverão tres festas, muitos foguetes e bombas, o competente *imperio*, musica, leilões, &c., tudo com pompa; e no Campo de Santa Anna as bem conhecidas *barracas* que enchêrão as algibeiras de *alguns* e *despejárão* a de muitas : todas ellas forão muito frequentadas. Na freguezia de S. Gonçalo, segundo m'informão, por isso que, por incommodos de familia, lá não pude ir, esteve tambem a festa muito boa e concorrida. No convento da Lapa festejou-se tambem o Divino, e a festa e as novenas forão brilhantes.

– O Prado Fluminense foi mais caipora: a chuva não deu lugar ás suspiradas corridas do dia 31 do passado, tambem o dia amanheceu tão carrancudo como a cára de um homem enciumado, e com taes caras não ha meias medidas. ! Os apostantes retirárão-se do Prado contrariados, e os ginetes parelhinhos tiverão mais essa folga até o dia 6, que é justamente o dia em que apparece esta minha Chronica.

– O baile – Vestal – foi concorrido; e a sociedade – Recreio dos Militares – trata de designar o dia em que deve ter lugar o baile do mez de Junho. – Deos queira que elle se effectue brevemente.

– Deixo muitas vezes de dar largas á imaginação, para que se não diga que mão varonil é que traça os meus escriptos. Sombra de Mme. Stael fallae por mim a esses que não se podem capacitar de que uma pobre mulher é capaz de escrever cousa que preste – A despeito do que a mim mesma promettera, de não tratar de certas materias, não posso deixar de escrever estas poucas palavras sobre o prematuro passamento de um

—182—

mancebo que sempre me mereceu muita estima. . fallo do Sr. Dr. Gabriel Getulio Monteiro de Meneonça que, na idade de 23 annos, deu a alma a Deus... Esses 23 annos passarão-se como uma nuvem vaporosa... E...

Seu rosto, pallido e bello,
Já não tem vida nem côr,
Sobre elle a morte descança
Envôlta em baço pallôr.

Mas....

Não choremos essa morte,
Não choremos casos taes,
Quando a terra perde um justo
Conta um anjo o Ceo de mais (1)

Temos tambem de lastimar a morte do Sr. Bassadona, tenor angajado ultimamente para o nosso theatro lyrico e a do Sr. Bianchi da Masoletti, baixo profundo da mesma companhia.....

E aqui deponho a penna; não só porque a dôr me opprime como porque estareis cançadas de aturar-me.

Adeus minhas amigas. O Céu vos guarde, e vos dê mil prosperidades.

Bellona.

Sexta feira, 4 de Junho.

MISTERIOS DEL PLATA. (‘)

— —

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza , a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel luta.

MICHELET, Historia de França.

O CORONEL ROJAS.

A vida particular do coronel Rojas era um desses dramas horriveis que passam despercebidos e sem o tragico desfecho desse drama que o pôz na scena do mundo, ninguém teria ido estudar e aprofundar todas as dolorosas emoções, todas as asperas magoas que despedaçavam o seu coração.

(‘) Vide o n. 22.

Eis a sua história.

Alguns annos antes da época em que principião os acontecimentos que relata este romance; o coronel Rojas era um galhardo guerreiro e porte altivo e de fôrmas colossaes; as suas maneiras cavalheirasas não estavam despidas de elegancia, e sabia galantear as mulheres com certa ousadia, que ao mesmo tempo tornava-se ás vezes em uma especie de culto, que se remontava a Galeas de Mantua.

Educado, por assim dizer, nos campos de batalha, as relações de passageiros amores só pousavam tão de leve no seu coração, que este conservava virgem e intacta essa força de amor que pertence á primeira e inexperta mocidade.

De retorno da longa cruzada libertadora da guerra da independencia, Rojas amou pela primeira vez na sua vida; essa primeira impressão tornou-se uma paixão volcanica e indomavel, e só um prompto hymeneio pôde trazer-lhe a sua

(1) Sr. Gonçalves Dias.

costumada tranquillidade, mas conservando para sua joven esposa um amor immenso, e concentrando nella todas as suas affeições, desejos, porvir e felicidade.

Apressado em gozar da sua dita o mais longamente possivel, sollicitou o commando militar da fortaleza da *Bahia Branca*, situada na costa da Patagonia, e ahi escondeu-se com a sua idolatrada companheira, para viver entre os dois elementos que completavão a sua existencia – a guerra e o amor.

A mulher, com a qual ligára o seu destino, era uma dessas jovens de pouca intelligencia, que, á uma educação descuidada, ajuntão uma má indole. A conquista do coronel, que ainda conservava como um crepusculo da sua belleza viril, vestido com a sua farda toda brilhante, com o peito cheio de condecorações, premio das muitas feridas com que soube compral-as, isto tudo offuscou a joven senhora; atordoada, magnetisada talvez instantaneamente por aquelle ardente e irresistivel amor, nos primeiros mezes que seguirão ao seu casamento, ella respondia aos beijos extremosos de seu marido com outros iguaes, e o acompanhava em todos os delirios da paixão.

Comtudo, como ella não amava, como só tinha sido fascinada, chegou o momento em que a desaffeição principiou a manifestar-se. O prestigio do heroe se dissipava, e á medida que este fugia, a esposa do coronel, estudando o rosto de seu marido, cada dia o achava mais velho, cada dia lhe descobria novas rugas, annuncio da velhice que já batia á porta.... então ella afastava-se delle.... e elle a procurava.... e redobrava de caricias e de finezas! Ella pelo contrario, depois da frieza, mostrou-lhe uma indifferença a mais decidida, e por fim chegou um dia que a repugnancia appareceu.

Esse dia era o primeiro em que a Sra. de Rojas sentiu que uma paixão criminosa entrava em seu coração!

Nada tão rapido como as gradações do sentimento.... Da frieza á indifferença, da indifferença á repugnancia, desta ao odio, e tudo foi dito entre aquelles dois seres que tinham ligado o seu destino e a sua vida para sempre, diante de Deus e dos homens!...

Então começou uma luta horrivel entre os dois.... um inferno de todos os momentos; Rojas que amava sua mulher com paixão, não queria renuncial-a, por isso, rogos, lagrimas, exprobrações, máos tratos, todas as peripecias da paixão se succedião no seu coração, e elle

ensaiava todos os meios que poderiam alcançar o retorno dos primeiros tempos.... mas ella, que além de odial-o, amava outrem, resistia e lutava sem treguas !

Tambem para o coronel Rojas chegou um dia em que a convicção, penetrando no seu espirito, ferido mortalmente no seu amor e no seu orgulho de homem, entendeu que como homem de bem, devia sustentar a sua dignidade, e deixar a sua mulher em completa liberdade.... Desde esse dia, só houve de commum entre os dois – o nome – a casa e a hora que os reunia à mesa.

Um silencio profundo reinava entre elles, evi-

—183—

tarão olhar um para o outro e nunca se encontravam a sós.

Ella amaldiçoava o laço de ferro que a encadeava áquelle homem, que não só ella o não amava, mas o considerava como um obstaculo á sua felicidade.

E por fim concluiu por decidir-se – que ella não devia sacrificar-se por tal fórma, e então dedicou-se sem reserva ao homem a quem amava.

Era este um dos officiaes do regimento de Rojas.

O coronel, pela sua parte, lutava comsigo mesmo; mas soffria horivelmente....

Os seus ciumes não tardarão em mostrar-lhe toda a extensão da sua desventura!

Prudente acaso, pela primeira vez na sua vida observou em silencio, e quando certificou-se da extensão da sua desgraça e ignominia, uma ordem do coronel afastou o joven official em commissão para outro lugar.

Então a joven senhora esquece todo o recato, todo o pudor, e além de insultar o marido, annuncia por fim a resolução de partir a reunir-se com o seu amante!

E Rojas teve de soffrer tanto vexame! e fugiu da presença da ingrata, retirando-se ao seu quarto.... mas ella o seguiu para mais insultal-o, para desabafar a colera e o odio que lhe trasbordavam d'alma!...

Desse ultimo colloquio só se sabe que, ao ruido de um tiro de pistola, a gente da casa acudiu ao quarto de Rojas.... a mulher estava banhada no seu proprio sangue, a cabeça despedaçada em fragmentos pela bala da pistola, elle de joelhos, livido e quasi demente, sustentando nos seus braços o cadaver de sua mulher!

Foi este um suicídio ou um assassinato ?

Era o mysterio da existencia do coronel! O mysterio, do qual só duas pessoas sabião – elle, e aquella que já estava reduzida a pó.... Acima delles dois, so Deus, ante cujos olhos nada se disfarça nem se occulta !

O mundo o tinha condemnado n'um primeiro juizo.... Ella era tão moça, tão bella, a catastrophe era tão horrorosa !

Comtudo elle não intentára fugir.... tinha-se entregado á justiça por sua livre vontade, e jurava sobre a cruz do Redemptor que não tocara nem com um dedo a arma mortifera !

Dizia elle que sua mulher o seguira ao quar-

to sempre o insultando, porém que elle lhe não dera resposta.

Só lhe asseverára por fim que ella não acompanharia o official.

– Pois a viver sem elle e ao teu lado, prefiro antes a morte.

Isto dizendo, chegára a pistola ao ouvido; elle correu para ella, mas rapida em seus movimentos, descarregou o tiro em si mesma, e cahiu sem vida!

O mundo o absolveu depois, e por muito tempo foi heróe do dia.

Entretanto, elle abatido e concentrado em seu pezar definhava-se no fundo de uma prisão!

Dois advogados celebres successivamente o defenderão – Mas sem fructo. – Duas vezes foi sentenciado á morte!

Elle não desejava viver.... porém, aos dez mezes de casados, tinha nascido Emirena, que contava apenas dois annos quando teve logar o drama sanguinolento que a deixára sem mãe !

Rojas não queria deixal-a tão só no mundo, nem queria tambem deixar-lhe por herança o nome de um assassino – do assassino de sua mãe, morrendo ignominiosamente sobre o cadafalso!

A terceira appellação decidia do seu destino.

Foi nesse momento que Alsina se apresentou ! e Alsina salvou a vida e a honra do coronel!

Eis o principio da sua amizade com Alsina.

(continua.)

Por chegar muito tarde ás nossas mãos a linda poesia do Sr. Salomon – O SEPULCHRO – dedicada á memoria Mma. Sra. D. Emilia Dulce Moncorvo de Figueiredo, não podemos infelizmente publical-a em o nosso Jornal de domingo passado, conforme expressamente se nos pedia, e por isso foi impressa no *Mercantil* 31 de maio. Recommendamos particularmente ás nossas assignantes a leitura de as bella poesia.

Com este numero vai um figurino de *toilette* do noiva.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom, em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú nou terna, modinha brasileiras, romances francezes em musica moldes e padrões de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN. n. 70, A. E. F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDECIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: por tres mezes 3U000 rs. Na Côrte, 4U000 rs. Para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro-Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.